

QUEDA



Uma pára-quedista iniciante perde o controle no ar, mas o instrutor não desiste de salvá-la | POR LYNN ROSELLINI

EM NENHUM MOMENTO Robert Bonadies se sentia mais livre do que quando se via no ar, a grande altura, com um pára-quedas nas costas. Assim, naquela manhã de maio de 2002, quando estacionou a caminhonete no pequeno Aeroporto de Ellington, ao norte de Connecticut, pensou que o dia prometia. A pista, cercada de plantações de milho e pastos, estava quase deserta; havia apenas alguns pequenos aviões estacionados. A temperatura era de 22° C, o dia estava ensolarado e o vento, suave: perfeito para um salto.

Robert Bonadies era uma lenda na Connecticut Parachutist Inc., clube de pára-quedismo do qual era presidente e instrutor. “Sou o melhor!”, costumava brincar com os alunos, enquanto checava seus equipamentos. E eles acreditavam nisso. Tendo Bonadies

ULTIMATE



na aeronave, exibindo um largo sorriso e os incentivando com tapinhas nas costas, até os iniciantes mais temerosos acreditavam que poderiam ser bons também.

Naquela manhã, como costumava fazer, Bonadies abriu a sede de apenas um andar do clube. Dispensado do emprego de eletricista, planejava desfrutar seu mais puro prazer: o pára-quedismo. Seria instrutor de Cindy Hyland, que já havia feito dois saltos livres com ele. O último deles, uma semana antes, tinha sido excelente.

Ao som de um CD de Frank Sinatra – o favorito de Bonadies – que saía dos alto-falantes, Cindy passeava tranqüila pela pista. Sempre fora amante de atividades ao ar livre – adorava fazer caminhada na neve,

mas sabia que a sensação desapareceria quando pulasse do avião.

BONADIES, magro e de cabelos grisalhos, estava arrumando os tirantes do pára-quedas quando a avistou. “Está pronta?”, gritou, sorridente. Durante a hora seguinte eles praticaram o “salto sujo”, uma simulação do salto no solo na réplica da porta de um Cessna 182, sobre uma plataforma de 1,20 metro de altura.

O exercício do dia era o seguinte: a 10 mil pés, Cindy deveria estabilizar sua posição, checar o altímetro e começar a primeira das três simulações para o acionamento do pára-quedas. Entre 10 mil e 6 mil pés, ela executaria mais duas simulações. Após checar o altímetro de novo, si-

nalizaria com os braços, indicando que estava prestes a acionar o punho e então abrir o pára-quedas a 5 mil pés.

Ela estaria ladeada por Bonadies e outro instrutor veterano, o grandalhão e simpático Jim Olko. Os dois juntos somavam 6.500 saltos em seus currículos e já haviam ensinado centenas de alunos. Uma vez no ar, eles se posicionariam, segurariam o tirante da perna de Cindy com uma das mãos e seu braço com a outra, e a fariam voar em uma posição arqueada, de barriga para baixo.

Saltando ao mesmo tempo, outro instrutor, Brian Festi, filmaria o trio

Quando ela tentou abrir o pára-quedas, não conseguiu. Os segundos voavam.

acampar e andar de caiaque perto de sua casa em Connecticut. Aos 43 anos, não encontrava apenas emoção no pára-quedismo, mas também uma surpreendente paz de espírito quando flutuava sozinha, serenamente, debaixo do velame do pára-quedas. Talvez fosse uma forma de escapar do estresse do trabalho de conselheira de portadoras de HIV numa prisão feminina de segurança máxima.

Naquele dia, como era natural, Cindy sentia um frio na barriga –

a poucos metros de distância com uma câmera acoplada ao capacete.

O Cessna estava na pista com as hélices em movimento, quando os quatro embarcaram. A 12 mil pés, a aluna e os três veteranos bateram as mãos num ritual de preparação. Em seguida a porta se abriu.

Abaixo deles, as montanhas verdes e onduladas no norte de Connecticut davam a impressão de uma terra encantada, onde fazendas e pastagens se misturavam ao branco dos parques industriais.

Primeiro da fila, Festi subiu até o montante da asa e ficou balançando preso pelas mãos, a fim de filmar a saída. Na seqüência, Bonadies se posicionou num degrau acima do trem de pouso, seguido por Cindy e Olko.

Empoleirado no degrau, Bonadies levantou o polegar em sinal positivo. O vento rugia em seus ouvidos. A partir daquele instante, a comunicação se fazia por meio das mãos. Esse era um dos momentos prediletos de Cindy. O medo já havia ido embora. Ela saltou para o vazio, lançando-se de costas, e teve a rápida visão do avião acima dela antes de ele desaparecer por completo.

COM A CÂMERA ligada, Festi assistiu ao início dos saltos. Em três arcos perfeitos, a aluna e os instrutores rapidamente pegaram velocidade num



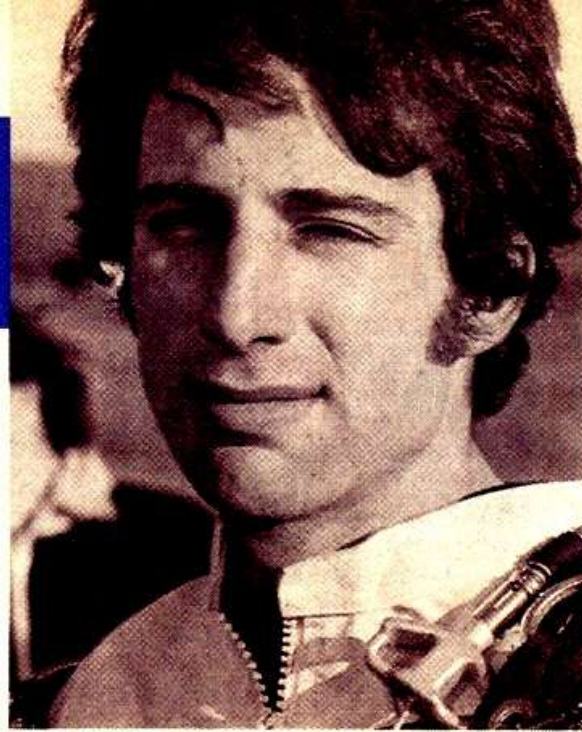
Para Cindy Hyland, saltar de pára-quadras trazia paz de espírito.

mergulho vertical a 190 km/h. Caindo àquela velocidade, sem pára-quadras, um objeto atingiria o chão em cerca de 68 segundos. À distância de um braço, cara a cara com Cindy, Festi continuava a filmar. A 10 mil pés, depois de dez segundos em queda livre, Cindy checou o altímetro do pulso e em seguida deu início aos toques de abertura do pára-quadras. Repetidas vezes ela havia treinado levar a mão ao lado direito do quadril em busca do punho de acionamento – de cor laranja vibrante – do pára-quadras principal. No entanto, quando o procurou não o conseguiu encontrar. Os segundos voavam.

Quando ela tentou novamente, Bonadies segurou seu pulso e guiou-lhe a mão até o punho. Na terceira tentativa, fracassou de novo. Nesse momento, Bonadies olhou para Olko, por cima da mochila de Cindy. “Não”, sinalizou balançando a cabeça. “Não solte.”

A 5.500 pés e 37 segundos do impacto, Cindy mais uma vez tateou desajeitadamente o corpo em busca do punho, agora para puxá-lo, mas perdeu o equilíbrio, começando a cair em parafuso e levando o trio numa espécie de funil, situação das mais perigosas em que dois ou mais pára-quadistas voam uns por cima dos ou-

Bonadies, no início da carreira de pára-quedista.



tros criando um vácuo entre eles e aumentando a velocidade da queda.

Os pára-quedistas passaram a 270 km/h em menos de dois segundos. Girando no ar, chocavam-se com violência, como se estivessem lutando num ringue. Em meio ao caos, Olko e Bonadies tentavam desesperadamente virar Cindy de bruços e permitir que ela abrisse o pára-quedas com segurança. Aterrorizada, ela se sentia como se estivesse dentro de um liquidificador.

NUM MERGULHO vertical, sentado, Brian Festi tinha conseguido manter-se perto do trio e agora olhava com horror a cena que filmava.

Se o pára-quedas de um aluno não abre até 2 mil pés, a Associação Americana de Pára-Quedismo exige que os instrutores soltem o aluno e abram os próprios pára-quedas. Os alunos carregam um dispositivo automático de abertura, o CYPRES, que, embora não seja infalível, aciona o equipamento reserva a 750 pés. No entanto, Bonadies e Olko se agarravam a Cindy, deixando-se cair abaixo do ponto limite.

Se eu não parar, vou morrer, pensou Festi. E vou ver meus amigos mor-

rerem. A 1.800 pés levou a mão ao punho de acionamento. "Puxem!", gritou. Mas o vento dispersou as palavras.

JIM OLKO já havia passado por dezenas de funis. Ele sabia que pára-quedistas experientes podem recuperar a estabilidade ao voltar à posição de arco. Entretanto, Cindy estava fora de controle e nem mesmo ele ou Bonadies conseguiam abrir o pára-quedas dela sem esbarrar um no outro.

Se o velame de mais de seis quilos batesse em um deles àquela velocidade, poderia quebrar-lhes um braço, o pescoço ou deixá-los inconscientes. *Vai ser mais fácil para Bonadies abrir o pára-quedas dela se eu me afastar*, pensou Olko. Por fim, se separou do trio e acionou seu próprio equipamento a 1.100 pés. Agora apenas Bonadies segurava Cindy, de frente, num abraço de urso.

Habilidoso corredor de longas distâncias, Bonadies havia treinado alguns corredores para competir em maratonas beneficentes. Se ele o treinasse, os corredores sabiam, ficaria colado em você até o fim – mesmo após terminada a prova, voltava para continuar ao seu lado.

Por fim, Bonadies tentou virar Cindy para uma posição estável. De costas, embaixo dela, pôde ver o terror em seus olhos e o céu aberto aci-

ma deles. Ele alcançou-lhe o quadril e puxou o punho de acionamento do pára-quedas. Um instante depois, o CYPRES acionou o reserva.

Restando-lhe apenas quatro segundos, Bonadies viu a aluna flutuar, afastando-se com o pára-quedas principal e o reserva abertos. No entanto, por estar de costas, não pôde julgar a que distância estava do solo.

Quando restavam apenas dois segundos, ele virou-se e alcançou o punho de acionamento.

OLKO ASSISTIA à queda do amigo. *Ele quer ter certeza de que ela está bem,* pensou, incrédulo, de sua posição a várias centenas de pés acima do solo. *Está se certificando de que os dois pára-quedas não se entrelaçaram.*

Filmando tudo, Festi viu que Bonadies estava dando a Cindy uma última oportunidade, mas não teria tempo de acionar o próprio pára-quedas. Para ele, Bonadies sempre parecera uma figura imortal, cheio de força e alegria. Festi não suportaria ver o que estava prestes a acontecer. Então desviou o olhar e a câmera.

ROBERT BONADIES morreu com o impacto. Chocou-se com o solo num pasto próximo ao aeroporto. De

acordo com as investigações da Administração Federal de Aviação e da polícia, seu pára-quedas estava em perfeita ordem, mas ele não teve tempo suficiente para abri-lo. Estava ocupado demais tentando salvar a vida de Cindy Hyland.

Numa vigília que durou seis horas, mais de mil pessoas lhe prestaram homenagem, numa fila que deu a volta no prédio.

Cindy Hyland também esteve lá, embora não tenha suportado esperar até a hora do sepultamento e ver a filha de 13 anos de Bonadies enterrar o pai. “Minha família e eu jamais o esqueceremos, nem sua coragem e sua dedicação”, escreveu num livro de memórias na Internet. “Verei Bonadies sempre que olhar o céu azul.”

No início deste ano, Bonadies recebeu da Carnegie Hero Fund Commission uma homenagem póstuma por ter salvo a vida de Cindy. Além disso, 39 pára-quedistas fizeram uma formação em queda livre em seu tributo. Membros do seu clube de corrida competiram em uma maratona na primavera de 2003, levantando fundos em seu nome para uma escola de ensino médio.

Mas o verdadeiro legado de Bonadies está no coração de sua família, amigos e alunos. Bonadies os ensinou a abraçar a vida e a não desistir dela.

CONSELHO DO DIA

Se você está com dor de cabeça, faça o que recomenda a bula do remédio: tome um comprimido e mantenha-se fora do alcance das crianças.